

Descobrimdo Portugal, redescobrimdo o Brasil: uma análise comparativa das narrativas de viagem *Breviário do Brasil*, de Agustina Bessa-Luís e *Janelas Verdes*, de Murilo Mendes

Rejane Debbie Fernández Loureiro de Paiva¹

RESUMO: Este artigo busca reconhecer alguns pontos de tangência e divergência entre as narrativas de viagem *Breviário do Brasil*, de Agustina Bessa-Luís e *Janelas Verdes*, de Murilo Mendes, sobretudo no que respeita ao olhar que ambos os escritores deitam sobre a prática dos habitantes dos países que visitam, respectivamente: Brasil e Portugal, o que se conforma como uma contraviagem.

ABSTRACT: This article seeks to recognize some points of contact and divergence between the travel narratives *Breviário do Brasil*, by Agustina Bessa-Luís, and *Janelas Verdes*, by Murilo Mendes, especially in what concerns the view that both writers have about the daily life of the natives from the countries visited by them, Brazil and Portugal respectively.

KEYWORDS: Agustina Bessa-Luís, Murilo Mendes, travel reports, impressions.

PALAVRAS-CHAVE: Agustina Bessa-Luís, Murilo Mendes, relatos de viagem, impressões.

A literatura comparada, segundo Tânia Franco Carvalhal², é uma "forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística". A pesquisadora segue afirmando que uma confrontação deste tipo possibilita não apenas a comparação entre dois

¹ Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós Graduação em Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: rejanebol@yahoo.com.br

² CARVALHAL, 2006:75.

sistemas literários, mas também nos leva a obter, sobre determinada obra, esclarecimentos contrastados que vêm a acentuar certas possibilidades de leituras nela contidas.

Em momentos diferentes, dois escritores consagrados empreendem uma viagem em sentido inverso; Murilo Mendes, poeta, prosador e crítico brasileiro, percorre cidades e lugares de Portugal e Agustina Bessa-Luis, intelectual portuguesa, visita o Brasil como integrante de uma delegação organizada pelo Centro Nacional de Cultura de Portugal. Como não há um único tipo de viagem, que é diversa e variada assim como o viajante, o que vai caracterizar a jornada de cada um é o olhar. Pela ótica de Murilo Mendes perpassa um sentimento de quase adesão por Portugal, estabelecendo um pacto afetivo com o país e em Agustina o olhar é crítico e reflexivo, ao modo de um tratado antropológico dos costumes e da prática brasileira. A esse respeito, Nelson Brissac Peixoto observa:

Nunca a questão do olhar esteve tão no centro do debate da cultura e das sociedades contemporâneas. Um mundo onde tudo é produzido para ser visto, onde tudo se mostra ao olhar, coloca necessariamente o ver como um problema. [...] Como olhar quando tudo ficou indistinguível, quando tudo parece a mesma coisa? (PEIXOTO, 2002:361).

Podemos perceber elementos autobiográficos em ambos os textos e os autores escrevem com a chancela do nome que tem. São viagens literais, em que a ficção só se faz perceber em flashes instantâneos, quando os autores fazem deslocamentos no tempo e no espaço ao recriar cenas propiciadas pelo lugar e pelo momento. Enquanto em Agustina o sangue lusitano pode ser fortemente notado no tom de sua narrativa, as marcas de brasilidade em Murilo Mendes são mínimas.

Ambos percorrem esses países sentindo seus cheiros, sabores, cores e ritmos, viajando através de sua geografia, de seu povo, sua história e, principalmente, de sua literatura. De suas impressões de

viagem resultaram dois livros, respectivamente: *Janelas Verdes* (1995) e *Breviário do Brasil* (1991).

Este trabalho tem por objetivo identificar os pontos de intersecção e bifurcação dessas duas viagens, identificando também as obras com as quais os autores dialogam e que influenciaram, de alguma maneira, a sua forma de perceber os dois países.

1. AGUSTINA

*Não vale a pena andar de bloco na mão e lápis
afiado se o coração não vê o que lhe pertence em qualquer
lugar do mundo (BESSA-LUIS, 1991, p.38).*

Breviário do Brasil (1991), de Agustina Bessa-Luis é o registro das impressões de uma viagem literal que a escritora portuguesa fez ao Brasil, caracterizando o narrador viajante que traz para casa tudo o que viu e ouviu e registra suas impressões em um livro. A autora segue a poética da viagem: testemunho, mais impressões do viajante, que traz a novidade do país que visita, a cultura, o povo e seu *modus operandi* e a experiência do contato com o outro.

O Centro Nacional de Cultura de Portugal vem organizando, há aproximadamente 20 anos, um ciclo de viagens pelo mundo em busca de vestígios deixados pelos portugueses dos séculos XVII e XVIII que visa realizar, na atualidade, novas formas de relacionamento com base nessa história comum. Em 1989, como parte deste programa, um grupo de intelectuais portugueses viajou ao Brasil trazendo, como integrante, a escritora Agustina Bessa-Luis.

A narrativa, segundo sua autora, pretende ser a expressão de uma cultura, de algo que desperta no outro o espírito de um verdadeiro universalismo em contrapartida a um turismo tradicional, visto por ela como uma guerra, com “espias boa gente” disparando flashes de suas câmaras fotográficas e que levam para casa uma imagem instantânea e superficial dos lugares que visitam. A autora faz uma viagem para dentro da cultura, das tradições e da história do Brasil e, ao molde do

viajante pensador, quer entender o país e o seu povo e senti-lo em seus valores mais intrínsecos.

Ao longo de sua incursão por terras brasileiras, Agustina Bessa-Luis faz uma digressão pelas personagens históricas: Aleijadinho, Tiradentes, Marília, Chico Rei, Donana Jansen, Lampião e Maria Bonita, a princesa Leopoldina, entre outros. Pelos escritores e poetas brasileiros: Tomás Antonio Gonzaga, Ariano Suassuna, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Josué Montello, José de Alencar, Gilberto Freire, João Cabral de Melo Neto, Visconde de Taunay, Cassiano Ricardo, Lêdo Ivo, o crítico literário Afrânio Peixoto e expoentes do cenário cultural e político brasileiro tais como os arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemayer, o artista plástico Francisco Brennand, Afonso Arinos e o presidente José Sarney, a todos situando e apontando com conhecimento e propriedade. Cita também os portugueses: Padre Vieira e Ferreira de Castro, assim como grandes nomes da literatura universal: o escritor austriaco Stefan Zweig, o poeta inglês Yeats, Walter White e Tolstói.

A viagem a que Agustina se refere em *Breviário do Brasil* (1991) não foi a primeira incursão feita a estas terras, já que seu pai aqui havia vivido por um período. Há também referência a uma visita por ocasião da morte de Tancredo Neves e a autora afirma, também, visitar o Recife com “alguma regularidade³”. Sua relação com o Brasil remonta à sua infância, promovida por laços familiares, de amizade e também literários, já que costumava ler José de Alencar e em criança, a revista em quadrinhos *O Tico-Tico*. Sua narrativa mescla memórias pessoais com impressões históricas, literárias e sociais do Brasil, dando a perceber, sub-repticiamente, certa afetividade, que se mostra mais evidente em Recife, onde declara, como boa portuguesa, sentir-se em casa. Ressalta o espírito de clã dos nativos e visita expoentes da cultura como o artista plástico e ceramista Francisco Brennand, cita Ariano Suassuna e invoca as leituras que fez de Gilberto Freire e José Lins do Rego para tentar entender e captar a alma do pernambucano.

³ BESSA-LUIS, 1991:9.

No Maranhão, evoca Donana Jansen, recriada por Josué Montello e ao longo das regiões visitadas, sua narrativa é pontuada com o conceito de sensualidade mestiça dos trópicos, a comida afrodisíaca e o culto a Eros.

Na Amazônia, para a escritora portuguesa, a verdadeira alma da floresta não se dá a conhecer e ela chama de arremedo de viagem a sua visita, estendendo esta impressão ao resto do país, quando afirma que para ver e ouvir o verdadeiro Brasil, há que se andar invisível pela multidão, lembrando-nos o “caminhar lento” de Nelson Brissac Peixoto⁴ e o *flâneur*, de Cesário Verde, em *Sentimentos de um ocidental* (2002). É possível que se refira, também, ao dizer “sentido do fantasma⁵”, ao caminhar pela multidão sem destacar-se como forasteira, na intenção de captar o que ela chama de “natureza trágica” do Brasil.

A autora se mostra admirada com a grandiosidade do país e com o brasileiro que lhe parece intrinsecamente bom e algo ingênuo, o que nos remete a Stefan Zweig em *Brasil, um país do futuro* (2006): “raça benévola e suave”⁶ e mais remotamente, à carta de Caminha. Evoca os sentidos para captar a essência do Brasil, recria cenas históricas como quando preenche o sobrado de Ouro Preto com uma vida passada, fugaz, tal qual o faz no casarão de Simon Bolívar, em Caracas e ao ver plasmado por Debret, uma cena cotidiana de uma família burguesa, em um Rio que não existe mais.

Na narrativa, a autora explicita a teoria de que uma civilização se define através do sentido da comparação. Quanto mais diferentes os costumes e tradições de um povo, maior a curiosidade sobre ele e maior o seu distanciamento de um modelo único, ainda que haja sempre certa agressão na comparação. Mesmo havendo uma história comum entre Portugal e Brasil, este último se diferencia pela história própria, regional. Entretanto, o olhar de Agustina Bessa-Luis nos remete ao olhar europeu buscando no novo mundo algo mais que uma cópia mal acabada da velha Europa, mas que se detém no que lhe faz lembrar a

⁴ PEIXOTO, 2002:362.

⁵ BESSA-LUIS, 1991:37.

⁶ ZWEIG, 2006:38.

velha pátria e que lança mão da comparação para tentar entender o que os seus olhos abarcam e a sua percepção apreende.

Agustina, herdeira direta do romance do século XIX, em sua narrativa *Breviário do Brasil* (1991) dialoga, perceptivelmente, com Stefan Zweig em *Brasil, um país do futuro* (2006), que cita já na primeira linha de seu texto. Sua narrativa se aproxima de um tratado antropológico dos costumes e da prática brasileira e vem a explorar a riqueza da linguagem e dos costumes. Nesta viajante, cujo olhar observa e perquire, é possível perceber ao longo de sua narrativa momentos de mau humor e de crítica ácida, que pode ser notada quando afirma que o brasileiro de modo geral não é organizado, no que parece concordar com Zweig, que afirma: "O Brasil, em seus primórdios, era uma terra sem leis, restrições ou compromissos, em que cada um podia fazer o que bem entendesse⁷". Visão que parece também ser compartilhada por Murilo Mendes, que afirma que a ela se refere como "a espantosa bagunça brasileira⁸".

Agustina parece já vir munida de um conceito prévio que ela quer romper ao invés de afirmar. Para ela, o mundo é regido por causa e efeito: quem nasce na favela, vai, fatalmente, morrer na favela, numa visão antiga do destino: a de que o homem é produto do meio e tem o seu destino influenciado pela sua origem de classe, pela educação e pelo meio. Sua escrita em ziguezague parece obedecer ao movimento da memória, que vai e volta e dessa maneira a autora vai percorrendo suas impressões do país numa visão enciclopédica, que tenta abarcar o tudo em um todo.

O discurso impressionista quebra a rigidez do discurso histórico, principalmente quando a narradora cria (e recria) algumas cenas suscitadas pelo cenário. É também o mais descritivo e ao mesmo tempo, o mais simbólico dos discursos, já que provém da subjetividade de seu autor. Também em ziguezague é o percurso do itinerário concreto, que obedece aos compromissos da delegação da qual é integrante. Este

⁷ ZWEIG, 2006:40.

⁸ MENDES, 1995:1.398.

itinerário começa pelo Rio, parte para o Recife, percorre Brasília, Maranhão, Belém, João Pessoa, Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Belo Horizonte, Ouro Preto, Congonhas, Mariana, Petrópolis e, finalmente, retorna ao Rio, de onde parte o avião que a levará de volta a Portugal.

É possível perceber implicitamente ao longo da narrativa de Agustina Bessa-Luis, o discurso de Kant, quando afirma que pretende, com seu livro, despertar nos outros o espírito do verdadeiro universalismo. A respeito da miscigenação no Brasil, a autora pontua em seu discurso na Academia Brasileira de Letras: "Foi ao ler os contos de Machado de Assis que percebi a atmosfera cerimoniosa do Rio antigo; a sua proporção de inteligência, que existe entre os povos onde não há estrangeiros, nem forasteiros, e todos são irmãos⁹". A autora parece concordar com Zweig, que conclui:

(...) graças à sua herança escura, o brasileiro é flexível por Natureza – e que foi constantemente incentivado por uma mistura incessante da imigração africana e depois da européia –, evitou que o processo de expansão orgânica parasse. Impediu uma divisão social em camadas muito rígida e cristalizou mais o elemento nacional que o particular. Ainda se escuta dizer aqui e acolá que este é natural da Bahia e aquele de Porto Alegre, mas investigando mais um pouco se descobre que pai e mãe quase sempre tem origens diferentes. Graças a essa transfusão e transplantação constantes, o milagre da unidade brasileira perdura até hoje, quando, pelas maiores possibilidades de comunicação, as forças do rádio e do jornal tornam muito mais natural uma união nacional (ZWEIG, 2006:101).

Também é possível ouvir a voz de Stefan Zweig na narrativa de Agustina, quando ela afirma que os vendedores ambulantes do Rio oferecem suas mercadorias e desinteressam-se logo do negócio. Por sua vez, o escritor austríaco afirma: "Nenhum vendedor insistirá em

⁹ BESSA-LUIS, 1991:89.

persuadir o freguês quando este hesita na compra¹⁰. A autora recorre às palavras do autor para expressar o encantamento que o Rio de Janeiro lhe provoca: “Vou poder dizer tudo sobre o Brasil, sem esquecer demasiado?”¹¹.

É possível perceber, pelas referências atávicas, viscerais, de Agustina Bessa-Luis, um sentimento de atração e repulsão pelo país. Há também um tom de desencanto e melancolia, que talvez se estenda para a humanidade, desencanto esse que pode residir, também, em sua dificuldade no encontro com o outro e parece fazer jus à afirmativa de Julia Kristeva: “Diante do estrangeiro que recuso e ao qual me identifico ao mesmo tempo, perco os meus limites, não tenho mais continente”¹².

2. MURILO

entretanto, que tenha deixado aqui a marca do [...] Espero,
meu afeto (MENDES, 1995:1.444).

Janelas Verdes (1995) é o registro das impressões de uma viagem literal que o escritor brasileiro Murilo Mendes fez a Portugal. Este é levado pelas afinidades sentimentais, já que se casou com uma portuguesa, filha de Jaime Cortesão, intelectual português muito respeitado e querido por ele e seu guia na compreensão do país e de sua literatura. O autor faz em sua narrativa como que uma ode a Portugal.

Enquanto Agustina, por imperativo da delegação, passou apressadamente pelos lugares que visitou, e isso, por vezes, se faz notar em algumas conclusões superficiais que ela tira, Murilo Mendes parece não ter pressa em sua viagem, ele quer antes sentir a alma dos lugares por onde passou e para isso faz-se necessário percorrê-los de maneira vagarosa.

¹⁰ ZWEIG, 2006:133.

¹¹ ZWEIG *apud* BESSA-LUIS, 2991:5.

¹² KRISTEVA, 1994:196.

O escritor brasileiro percorre Portugal em uma viagem poética, sentimental, na qual visita familiares, sem, aparentemente, obedecer a um roteiro linear. Para o autor, em *Janelas Verdes* (1995), a sucessão temporal não é importante e esta traça uma linha sinuosa que costura o literal no literário; a viagem no espaço e a viagem pela literatura, história e tradição portuguesa. Assim como Agustina Bessa-Luis (1991), seu percurso é sinuoso, mas ao contrário da autora, que seguia um itinerário pré-estabelecido pela comissão da qual fazia parte, a ordem das cidades e lugares percorridos pelo autor parece haver sido feita por uma seleção muito pessoal, assim como os personagens históricos citados, perfazendo um trajeto por um mapa afetivo-sentimental.

Murilo Mendes visita Guimarães, Porto, Serra do Marão, Torres Vedras, Coimbra, Tomar, Leiria, Vila do Conde, Viana do Castelo, Évora, Algarves, Monte Gordo, Alcobaça, Nazaré, as Berlengas, Peniche, Óbidos, Atouguia da Baleia, Freixo de Espada à Cinta, Quinta da Bacalhoa, Sesimbra, Âncora, Caminha, Olhão, Cabo Carvoeiro, Sintra, Montedor, Foz do Arelho, São Pedro de Moel, Setúbal, Esposende e Lisboa. Ainda ao molde de Agustina, cita expoentes da cultura portuguesa tais como: Nuno Gonçalves, Gil Vicente, Camões, Pe. Antonio Vieira, Soror Mariana do Alcoforado, Bocage, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Teixeira de Pascoaes – padrinho de sua esposa, Saudade –, Jaime Cortesão, Miguel Torga, Antero de Quental, Camilo Pessanha, Almeida Garrett, a poetisa Florbela Espanca, Afonso Duarte, a pintora Vieira da Silva, Fernando Pessoa, Dom Afonso Henriques, o escritor e 7º presidente da primeira república portuguesa Manuel Teixeira Gomes, Dom João V, entre outros. Refere-se também ao arquiteto francês Le Corbusier, e ao dramaturgo e poeta espanhol Calderón de La Barca.

O autor recorre a uma “linguagem elíptica, alusiva, metafórica, [...] suscita um momento de utopia, uma viagem para trás que é uma viagem para diante nas asas da memória: uma viagem no tempo para o

lugar utópico de um não-tempo e não-espço¹³”. Enquanto Agustina se propõe “escrever um livro carinhoso e breve que traçasse o desenho dos meus passos aqui no Brasil¹⁴”, Murilo Mendes declara desejar haver conseguido expressar seu pacto afetivo por Portugal.

Em sua narrativa, Murilo Mendes parece dialogar com Garrett e Xavier de Maistre, principalmente no que concerne ao registro duplo da viagem: a viagem metafísica e a viagem cartográfica. Estes, por sua vez, remetem à obra modelar de Sterne: *Viagem sentimental através da França e da Itália* (2002), em cujo prefácio Jorge de Sena afirma:

Na viagem sentimental, as fronteiras entre o que é recordado e é imaginado, entre o que é verdade e é ficção, são completamente alteradas por um inteligente capricho que revoluciona as hierarquias e dá mais importância a um gesto ou conversa do que a um monumento ou à História. (2002:14-15).

Esta afirmativa corrobora a ideia de que o cotidiano mezinho é o que interessa do país a Murilo Mendes, estas pequenas coisas, que reunidas em um todo, fazem a cultura de um povo por quem ele demonstra tanto apreço e pelo que seu olhar é atraído. Esta ideia faz eco à afirmativa de Sterne, em *Uma Viagem Sentimental Através da França e Itália* (2002).

Desejaria, porém – prossegui –, espionar a nudez de seus corações, e através dos diferentes disfarces de hábitos, de clima, e religião, descobrir o que neles existe de bom para assim moldar o meu próprio. E foi por isto que vim. Foi por essa razão, Monsieur Le Comte – continuei –, que não vi o Palais Royal, nem o Luxemburgo, nem a fachada do Louvre, nem tentei aumentar os catálogos que possuímos de quadros, estátuas e igrejas: concebo cada ser belo como um templo, e nele prefiro penetrar e observar os desenhos originais e os vagos

¹³ BARRENTO, 2006:186.

¹⁴ BESSA-LUIS, 1991:38.

esboços ali exibidos, do que a própria transfiguração de Rafael (STERNE, 2002:91).

Murilo Mendes parece, também, buscar o não turístico, parece não querer o belo plasmado em uma escultura e sim a beleza viva e palpitante dos habitantes do país que visita.

Teresa Cristina Cerdeira afirma: “viajar pela sua terra é, sobretudo uma forma de reconhecimento, que não tem nada a ver com o olhar estrangeiro, ao contrário, é um olhar de dentro e para dentro das tradições e da cultura¹⁵”. O autor, embora estrangeiro, tinha um sentimento de natural por Portugal.

A autora acima citada continua afirmando, referindo-se à narrativa *Viagens na Minha Terra* (1846), de Almeida Garret: “Este livro é um falso livro de turismo, como o outro era um falso diário de viagem. Dialogando com a célebre proposta “de quanto ver e ouvir, de quanto pensar e sentir se há-de fazer crônica¹⁶”. E segue:

Se este não é um livro de turismo, é que não quer impor roteiros, já o sabemos, e que mais que descritivo da paisagem, é historiador da cultura. Falará por isso, como acima inferimos, da tensão secular dos vizinhos Portugal e Espanha, falará das histórias populares, alterará o conceito de ver muito em prol de “estar mais”, lembrará os textos da tradição – Camilo e o seu Calixto Elói, Teixeira de Pascoaes, Aquilino Ribeiro e Torga e tantas outras memórias literárias em que se inclui o delicioso sabor garrettiano de olhar para uma “janela iluminada, certamente, oh certamente, o quarto da Bela Adormecida (SARAMAGO *apud* CERDEIRA, 2006:310).

Acreditamos que a narrativa de Murilo Mendes em tudo se assemelha e se aproxima da narrativa garrettiana.

Em *O olhar viajante (do etnólogo)* (2002), Sérgio Cardoso afirma:

¹⁵ CERDEIRA, 2006:312.

¹⁶ CERDEIRA, 2006:310.

O olhar se embrenha pelas frestas [janelas] do mundo na investigação dos obstáculos ou lacunas que constantemente comprometem a unidade hesitante das significações (quando ele próprio não lhes escava o terreno, abrindo fendas nas aglomerações custosamente sedimentadas na duração). Da mesma forma as viagens. Também elas – como exercício do olhar – tem origem nas brechas do sentido. Se o viajante fura o horizonte da proximidade e transpõe os limites de seu mundo para fixar a atenção mais além – no que não se deixa ver mas apenas adivinhar ou entrever –, é sempre pelos vãos do próprio mundo que ele penetra, na medida em que surgem brechas na sua evidencia, abrindo passagens na paisagem ou contornando desníveis e vazios (CARDOSO, 2002:358-359).

Janela, que dá título à narrativa, segundo o *Dicionário de símbolos* (2009), enquanto abertura para o ar e a luz, simboliza receptividade, o que corrobora a ideia de encontro com o outro que parece permear a narrativa de Murilo Mendes. A janela permite uma visão do externo para o interno e do interno para o externo, conformando-se como um ponto de encontro, ainda que perspectivado. Assim sendo, a viagem funcionaria como impulso em direção ao outro, já simbolicamente representado desde o seu título.

A narrativa está dividida em duas partes: o setor I, subdividido em A, B, C e D – que corresponde ao mapa geográfico – e o setor II, subdividido em A, B e C, que corresponde a um mapa literário. Os dois setores estão dedicados a poetas, artistas e escritores portugueses, perfazendo uma viagem literal e metafísica por Portugal.

Setor 1 – Corresponde à mapoteca: a eleição das cidades visitadas parece aleatória. Guimarães, que abre a narrativa, já insinua uma adesão por Portugal, pois parece guardar um significado para o autor, uma vez que é onde nasceu (e como ele mesmo pontua) Dom Afonso Henrique e que, conforme afirma, é o “inventor do reino

desunido de Portugal, África, Tungstênio e Algarve¹⁷", em outras palavras, o torrão amado pelo escritor. Mais adiante, este afirma em tom confessional: "Assim, o contexto físico-espiritual de Leiria integra para mim cinco pontos fundamentais: o castelo. Dom Dinis. O pinheiral. Eça de Queirós. Jaime Cortesão¹⁸". Estes cinco pontos configuram a história, a paisagem, a língua e o afeto portugueses.

Em algumas de suas referências ao mar, destacamos o Algarve, onde os peixes são "azuis, brasonados¹⁹", apontando para o perfil elitista do lugar. O mar, para o escritor, é um meio que une os homens, portanto, símbolo da universalidade, mas é o individualismo de um pequeno grupo que o autor destaca nesta passagem, em tudo contrário à ideia que permeia sua narrativa.

No setor dois, no fragmento dedicado a Nuno Gonçalves, o autor explica o título do livro: as janelas verdes não aludem apenas a uma característica decorativa da cidade e sim aos campos portugueses, "outro mar²⁰". Podemos notar aqui uma inversão de significados, uma vez que em Peniche os peixes são "colhidos²¹" como se o mar fosse um imenso campo florido: mar-campo, campo-mar.

Em Vila Real de Santo Antonio diz-se "inserido na faixa cotidiana da Vila²²" que tal é o seu desejo, o de diluir-se na cultura portuguesa.

À inversa da narrativa agustiniana, o tom da narrativa, é leve, bem humorado. Murilo Mendes brinca com a sonoridade e os significados das palavras, além de inventar outras, recorrendo também à metalinguagem.

Chama a atenção a maneira como chega ao Porto – de trem Foguete – o ângulo de chegada ao Porto é antigo, "cristalizado" e o interior é o do trabalho, dinâmico e relativamente moderno. A respeito da aproximação com o outro, José Saramago afirma: "As povoações são como as pessoas, aproximamo-nos delas devagar, paulatinamente, não

¹⁷ MENDES, 1995:1.365.

¹⁸ MENDES, 1995:1.378.

¹⁹ MENDES, 1995:1.383.

²⁰ MENDES, 1995:1.418.

²¹ MENDES, 1995:1.388.

²² MENDES, 1995:1.405.

esta invasão súbita, a descoberto da escuridão, como se fossemos salteadores mascarados²³”. Também Zweig se manifesta sobre a maneira ideal de se ir a um lugar, a fim de melhor observá-los: [...] “mas quantas pequenas cidades desconhecidas e pitorescas acabo conhecendo desta forma [de hidroplano], e quanta paisagem! É o único caminho que se deve tomar, pois de navio **só se vê a casca e não o núcleo**²⁴, só a costa e não a terra²⁵”.

Ainda no Porto, ao notar o contraste entre a natureza e o bairro da Ribeira, o autor parece buscar na literatura um referencial para adjetivar a paisagem e o contraste brutal: o ideal árcade de uma vida simples, na qual o trabalho supriria as necessidades humanas e ao homem seria permitido deixar aflorar os sentimentos ideais.

Setor 2 – Corresponde ao mapa literário. Esta eleição não é aleatória: A viagem pela tradição portuguesa começa com Nuno Gonçalves e termina com Fernando Pessoa.

Para Murilo Mendes, o intelectual de verdade é sempre múltiplice. Esta ideia está disseminada por toda a narrativa, por vezes de maneira sutil. O artista a quem é dedicado a abertura do setor dois é Nuno Gonçalves, pintor português do séc. XV que pintou os Painéis de São Vicente de Fora, em que retratou toda a sociedade portuguesa da época, desde a nobreza, clero, até o povo. Também Bocage é referenciado duplamente. Camilo Pessanha, que possui no nome “dois SS irmanados²⁶”, igualmente, é duplo. Um Mário de Sá-Carneiro que morre e outro que ressurge. Gil Vicente, que é vário. O autor conclama o verso de Mário de Andrade “Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta²⁷” e encerra esta seção com Fernando Pessoa; o outro que se desdobra em outros. Esta ideia também aparece implícita em sua visita a Lisboa, onde afirma ver nos quadros de Vieira da Silva, uma “outra” Lisboa, mais justa e equânime. Sempre o outro, o duplo ou o múltiplo.

²³ SARAMAGO *apud* CERDEIRA, 2006:311.

²⁴ Grifo nosso.

²⁵ ZWEIG, 2006:245.

²⁶ MENDES, 1995:1.439.

²⁷ ANDRADE *apud* MENDES, 1995:1.420;

Em sua narrativa, Murilo Mendes parece abolir a ideia da individualidade, em que o sujeito “despersonalizando-se consegue se encontrar²⁸”. Rompendo as cadeias limitantes da individualidade teríamos “o homem livre, no espaço livre²⁹”, aumentando a possibilidade de uma convivência harmoniosa entre todos e aproximando-se, portanto, da ideia de uma comunhão universal, já que “o outro sou eu mesmo³⁰”.

Murilo Mendes e Agustina Bessa-Luis fizeram um movimento contrário, uma contraviagem. Viajantes cosmopolitas e estudiosos enciclopédicos, eles ruminam e elegem o que seus olhos abarcam, os dois buscam o não rebuscamento, o não visto em toda a sua simplicidade, o olhar de ambos perscruta e indaga.

O cosmopolitismo equivale a um aprendizado de respeitar as diferenças e Julia Kristeva (1994) afirma ser “[e]stranho e sobrenatural, de fato, o encontro com o outro – que percebemos pela visão, pela audição, pelo olfato – mas não “enquadrados” pela consciência³¹”. Ao relacionar esta afirmativa a Murilo Mendes e Agustina Bessa-Luis, podemos inferir que ambos realizaram viagens com um perfil parecido: O olhar etnográfico dos dois escritores recai sobre a prática dos habitantes dos lugares que visitam, sua tradição e, principalmente, sobre sua literatura. Embora no primeiro olhar, a surpresa e o inesperado é o que atraem e encantam o sujeito, ambos desejam ver além do que se lhes apresenta à primeira vista, ligeira e superficial.

Por outro lado, a grande diferença está no vínculo afetivo que liga Murilo Mendes a Portugal. Seu olhar, ainda que recaia de vez em quando nas mazelas deste país, neles não se fixa, preferindo ver o que lhe é agradável e que lhe fala ao coração, buscando inserir-se no cotidiano deste país. O escritor brasileiro parece aceitar melhor as diferenças, possuir uma visão de mundo menos ingênua e, ao mesmo

²⁸ MENDES, 1995:1.421.

²⁹ MENDES, 1995:1.444.

³⁰ KRISTEVA, 1994.

³¹ KRISTEVA, 1994:196.

tempo, menos intolerante, o que fatalmente culminará em uma maior aceitação do outro.

Já Agustina Bessa-Luis, dona de uma personalidade marcante que se deixa entrever em sua narrativa, dá a perceber possuir um olhar mais duro e autoritário. Não podemos excluir a presença de sentimento nesse olhar, mas o que se infere no tom de sua narrativa é certo desencanto e a escritora parece levar “uma carga de tristeza, própria de resto a todos os grandes ironistas³²”. Parece possuir, também, conceitos próprios bastante arraigados, que por sua vez dificultam o encontro com o outro.

É possível concluir que o ponto de bifurcação na trajetória dos dois escritores reside em sua própria estranheza com relação ao outro, ainda muito forte em Agustina, de contornos mais diluídos em Murilo Mendes que, sem perder o contato com a sua cultura de origem, parece conseguir relativizá-la a ponto de conseguir alterná-la com a dos outros.

Referências Bibliográficas:

BARRENTO, João. Nous sommes embarqués. In: *O arco da palavra* – ensaios. São Paulo: Escrituras, 2006. p. 185-189.

BESSA-LUIS, Agustina. *Breviário do Brasil*. Lisboa: Guimarães, 1991.

CARDOSO, Sérgio. “O olhar viajante (do etnólogo)”. In: NOVAES, Adauto. (org.). *O olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 347-360.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. 4a ed. ver. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CERDEIRA, Tereza Cristina. “De viagens e viajantes: Camões, Garrett, Saramago”. In: *O avesso do bordado* – ensaios de literatura. Lisboa: Caminho, 2000. p. 303-313.

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 23ª ed. Trad. Vera da Costa e Silva *et al.* Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009.

³² MENDES, 1995:1.428.

KRISTEVA, Julia. “A universalidade não seria a nossa própria estranheza”. In: *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p.177-205

MENDES, Murilo. “Janelas verdes”. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.

PEIXOTO, Nelson Brissac. “O olhar do estrangeiro”. NOVAES, Adauto. (org.). *O olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 361-363.

SANTIAGO, Silviano. “Por que e para que viaja o europeu”. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989. p.189-205.

STERNE, Laurence. *Uma viagem sentimental através da França e Italia*. Trad. Anna Maria Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Porto Alegre: L&PM, 2006.